

Nossa Senhora do Céu e da Terra: As Muitas Faces de Maria e a Imagem da Soberania Feminina que (re)une os Mundos¹

Patricia S. Machado²

RESUMO

Apresentaremos as ideias que permeiam nosso projeto de pesquisa de doutorado e que trata da análise do mundo da devoção popular em torno da figura de Nossa Senhora, bem como analisar sua influência nas construções imaginárias e identitárias da mulher. O objeto da pesquisa é a narrativa do documentário *Marias: a Fé no Feminino* (Brasil, 2016) e que mostra as nuances híbridas da fé mariana em diversos países latino-americanos. Nosso objetivo é o de contribuir na construção do conhecimento sobre o complexo imaginário presente na religiosidade popular em torno da figura de Maria, as conexões entre a espiritualidade ibérica e latino-americana e também suas relações com a superação de dicotomias, tais como a separação das dimensões espiritual e material de Nossa Senhora. A base teórica é formada pelos estudos do imaginário; os estudos culturais de gênero e os estudos em mídia e religião. Buscaremos um diálogo com a teologia, mais particularmente a mariologia nas perspectivas tradicional e feminista. A metodologia escolhida a Hermenêutica de Profundidade, de J.B. Thompson.

PALAVRAS-CHAVE: nossa senhora; estudos de gênero; imaginário; processos comunicacionais; cinema

1. Sobre a Hermenêutica da Profundidade

Apresentaremos as ideias que permeiam nosso projeto de pesquisa de doutorado e que trata da análise do mundo da devoção popular em torno da figura de Nossa Senhora, bem como analisar sua influência nas construções imaginárias e identitárias da mulher. Para tanto, contaremos com a base teórico-metodológica da Hermenêutica da

1 Trabalho apresentado na XII Conferência Brasileira de Comunicação Eclesial (Eclesiocom), realizada na Pontifícia Universidade Católica – Campinas, 17/8/2017. Este trabalho foi desenvolvido pela autora a partir de seu projeto de pesquisa para o doutoramento no Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo.

2 Graduada em Filosofia pelas Faculdades Claretianas, Mestre em Comunicação Social e Doutoranda em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP). Contato: foxmachado@gmail.com

Profundidade (HP), cunhada por John B. Thompson (2011) e que se caracteriza pela análise crítica dos fenômenos culturais. A metodologia da HP é desenvolvida através do que Thompson (2011, p. 391) chama de enfoque tríplice de análise da comunicação de massa. Resumidamente ela é feita através do estudo sobre a produção e transmissão/difusão das mensagens comunicativas por meio da análise sócio-histórica e interpretação/reinterpretação da doxa - “opiniões, crenças e compreensões que são sustentadas e partilhadas pelas pessoas que constituem o mundo social” (THOMPSON, 2011, p.364); do estudo da construção das mensagens comunicativas através da análise discursiva ou formal e, finalmente, pelo estudo da recepção e apropriação das mensagens comunicativas que é também feita por intermédio da análise sócio-histórica e interpretação da doxa.

2. Maria – Senhora do Céu, da Terra e das Telas

Maria é a maior expressão arquetípica do Sagrado Feminino no Ocidente, especificamente quando focamos em sua face de Mãe Divina. No Brasil e em toda a América Latina, ela tem também um papel essencial na religiosidade no continente. Segundo Cipollini (2010, p. 37) “a presença da devoção a Maria sempre foi uma constante” e não se pode negar tratar-se de “uma característica marcante e persistente do cristianismo latino-americano”. Diferentemente dos países americanos colonizados por protestantes, o catolicismo ibérico trouxe para o novo continente não só o cristianismo, mas também o feminino divinizado na figura de Nossa Senhora. Não por acaso, os vinte e quatro países na América Latina têm como padroeiras as muitas denominações de Nossa Senhora e o poder de Maria se reflete também quando pensamos no número de mulheres que carregam seu nome. Ao citarmos esta questão, adentramos em algo que vai além do teor teológico de Maria e percebemos as muitas nuances que abarcam toda a construção identitária, cultural, social e imaginária das mulheres no Brasil, e dos outros países latinos na América. Não por acaso, observamos o mesmo fenômeno nos países da península ibérica, os quais constituem o principal ramo europeu dos povos latino-americanos.

Como não poderia deixar de ser, encontraremos Maria presente na relação intrínseca entre mídia e religião. Sim, Nossa Senhora/Maria – a Mãe Divina e a mulher do povo, sagrada e profana – é também inspiração para diversas produções midiáticas. Isto explicaria a crescente importância do desenvolvimento de trabalhos na área da comunicação social que se empenham em entender o fenômeno.

No ano de 2017, duas celebrações dão ainda mais espaço para que Maria esteja nas mídias: a comemoração dos trezentos anos de Nossa Senhora da Conceição Aparecida (padroeira do Brasil) e o centenário da aparição de Nossa Senhora do Rosário de Fátima (padroeira de Portugal). Em novembro de 2016 foi lançado o filme *Marias: A Fé no Feminino* (Brasil, 2016) (fig.1) com a direção da cineasta carioca Joana Mariani.

Figura 1 – *Marias: a fé no feminino* - Cartaz de divulgação



Fonte: <https://goo.gl/sGQU53>

A intenção inicial da produção era a de retratar as diversas festividades dedicadas a Maria na América Latina e as demonstrações da fé e devoção encontradas em cada uma delas. Contudo, no decorrer da produção, a diretora observou que havia uma especificidade nas devoções e também na fala das entrevistadas, caracterizadas por uma grande força das mulheres e da fé no feminino. Nas palavras dela: “Nossa Senhora é adorada em toda a América Latina porque representa estes valores: o acolhimento, a compreensão, o cuidado, a crença. Em tempos de agressividade, os braços sempre abertos de Maria trazem alento”³.

A narrativa mostra também a identificação das mulheres com a figura de Maria, além de mostrar os traços de deusas e espiritualidades nativistas pré-colombianas⁴ em muitas das festas, obviamente sincretizadas com os rituais católicos. Uma das Marias entrevistadas no filme diz que as pessoas precisam de uma mãe, pois seus países não têm pai. Sobre estas questões, gostaríamos de citar a teóloga mariana, Kathleen Coyle, em sua obra “Maria tão plena de Deus e tão nossa” (2015). Ela afirma que:

Os fiéis católicos mais simples, em especial os pobres e os destituídos, procuraram em Maria uma força que lhes permitisse interpretar a vida,

³ Disponível em: < <http://arqrio.org/noticias/detalhes/5110/nos-cinemas-o-filme-marias-a-fe-no-feminino>>. Acesso em 24 maio.2017.

⁴ Podemos destacar as representações sincréticas de Nossa Senhora, Pachamamma (Peru) e Tonantzin (México), por exemplo.

sentir-se acompanhados e não abandonados, e ter esperança, por piores que fossem as circunstâncias e tragédias da vida (COYLE, 2015, p.40).

Ao refletirmos sobre a busca de apoio e alento de Maria, enxergamos também a quebra de um paradigma tipicamente androcentrado que identifica a figura feminina – e também a materna – com vulnerabilidade ou fragilidade. Como nas palavras de Kathleen Coyle, o que se busca em Maria é sua força e poder de resiliência. A mesma força e resiliência expressadas pelas muitas mulheres retratadas no filme *Marias*.

Duas produções portuguesas também chamaram nossa atenção, pois claramente trazem em suas narrativas a perspectiva das mulheres, ou ainda, um *olhar feminino*⁵ sobre o tema. A presença de mulheres fortes é percebida em ambas as produções.

O filme *Jacinta* (Portugal, 2017) (fig. 2) aborda a história da aparição de Fátima com foco na mais nova das pastorinhas - que, aliás, foi canonizada pela Papa Francisco na ocasião de sua visita ao Santuário de Fátima em 2017. *Jacinta* é retratada na narrativa como uma espécie de Merida, a independente e rebelde princesa da animação *Valente* da Disney-Pixar (EUA, 2012). Dona de uma personalidade forte e questionadora que vai se transformando durante sua saga, ela desafia a Igreja e a própria polícia em nome de sua fé e de seu compromisso com Nossa Senhora. *Jacinta* foi o filme português mais visto no primeiro semestre de 2017⁶ e posteriormente foi transmitida pela TV aberta no formato de minissérie, alcançando um grande número de telespectadores também.

Figura 2 – *Jacinta* (Portugal, 2017) - Cartaz de divulgação.



Fonte: <https://goo.gl/jrGHMq>

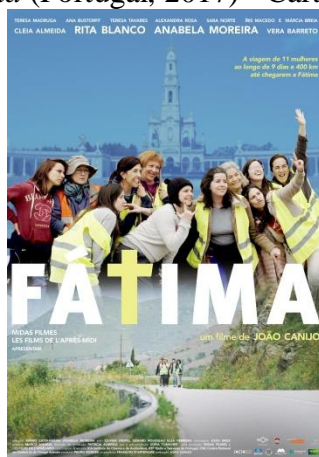
O outro destaque é o filme *Fátima* (Portugal, 2017), uma história que retrata a jornada de onze mulheres que partem de uma aldeia na região de Trás-os-Montes (norte

5 O sentido de olhar feminino é o de indicar um contraponto ao que Laura Mulvey, teórica dos estudos culturais feministas, chamou de o “olhar masculino” em suas pesquisas sobre o machismo nas construções das representações da mulher na indústria cinematográfica.

⁶ Disponível em: < <https://www.atelvisao.com/tag/a-jacinta-e-o-filme-portugues-mais-visto-em-2017/>> . Acesso em: 28 maio. 2017

de Portugal) em peregrinação a pé por 400 km até o Santuário de Fátima. A direção do filme é do cineasta português João Canijo, mas o olhar que determina a narrativa também nos parece mais *feminino*, pois trata das nuances mais profundas das personalidades individuais de cada uma das mulheres, da comunicação entre elas, dos desafios e da fé que as une. Neste filme observamos também a diversidade de identidades femininas que se (re)unem em torno da fé em Nossa Senhora.

Figura 2 – *Fátima* (Portugal, 2017) - Cartaz de divulgação.



Fonte: <https://goo.gl/8vDPZr>

Nestes três exemplos da produção midiática é possível observar o quão complexa é a relação que envolve Nossa Senhora e as mulheres, pois se percebe que há uma transitoriedade entre o Sagrado (na figura da “Santa”) e o Profano (a humanidade de Maria) em todas elas. Ou poderíamos dizer uma integração dinâmica entre estas duas dimensões? É o que pretendemos investigar durante nossa pesquisa.

2.2. Assim na terra como no céu: vertentes teológicas e Maria

Em parte, a teologia tradicional – propagada pela instituição católica – apresenta Nossa Senhora como uma figura feminina idealizada, etérea ou ainda, incorpórea e que é a Rainha dos Céus. Efeito semelhante se dá quando se retrata Maria de Nazaré como a jovem mulher virgem, doce, terrena e moralmente perfeita escolhida pelo Deus (cristão) para conceber seu filho, Jesus.

Segundo a teóloga feminista Rosemary Radford Ruether:

Na teologia patriarcal, a tradição mariológica tem principalmente a função de refletir e expressar a ideologia do feminino patriarcal. A

Virgem Maria torna-se a personificação teológica da Psique e Mãe Igreja como Noiva Virginal e Mãe dos cristãos. Ela é o manancial da graça e, em última análise, o corpo ressurreto e a Igreja glorificada que subiram ao céu e reinam ao lado de Cristo. A ligação de Maria, a mãe de Jesus, com essa teologia da Igreja tem início nas narrativas de infância do Evangelho de Lucas, a fonte primária da mariologia no Novo Testamento. Aqui Maria torna-se a “primeira crente” cujo assentimento à vontade de Deus a torna o meio de redenção messiânica de Deus. A mariologia do século II desenvolve isto até chegar ao tema da Nova Eva e, assim, possibilita o advento do Novo Adão, Cristo (RUETHER, 1993, p.127).

Por outro lado, a teologia feminista vem buscando desconstruir esta imagem essencialmente *sobrenatural* de Maria de Nazaré e suas consequências moralizantes patriarcais no que se refere à construção da identidade da mulher.

Porém, em algumas abordagens feministas, tais como a da mariologia da libertação⁷, se percebe, eventualmente, certo extremismo no sentido de uma esterilização da *dimensão sagrada* de Maria. Supomos que isto aconteça por conta do excesso de uma suposta busca da *humanização* da mãe de Jesus advinda da perspectiva essencialmente materialista das análises.

Buscando ir além dos extremos, em “Pecado e Graça” (1997), Lucia Scherzberg organiza e comenta o pensamento de autoras de inúmeros vieses da teologia feminista, dentre elas, Catherine J.M. Halkes.

Para Halkes (apud SCHERZBERG, 1997, p. 128), “Maria não é ou história, ou bíblica, ou simbólica: ela é tudo ao mesmo tempo”. Além disto, ela indica que a Igreja deveria admitir a relação entre a tradição da *Grande Deusa* e Maria. Ela diz que:

Somente quando a igreja se arriscar a focar todos os aspectos da ‘Grande Deusa’, as mulheres poderão alcançar justiça e poderá uma mariologia sadia e sanada tanto atuar salutarmente para as mulheres como para os homens (HALKES apud SCHERZBERG, 1997, p. 128).

A autora diz ainda que essa conexão de parentesco entre Maria e a *Grande Deusa* – proposta pela mariologia feminista – poderia ocasionar uma expansão nas análises que unem “a inter-relação de claro e escuro, de nascimento e morte, a importância de virgindade como independência” (HALKES apud SCHERZBERG, 1997, p. 129).

3. Assim na terra como no céu? Sobre nosso questionamento

7 Por vezes também chamada de “Teologia Marial”. Dentre os autores e autoras, citamos: Leonardo Boff, Clodovis Boff e Lina Boff.

Para além da dicotomia *sagrado vs. profano*, nossa pesquisa pretende trilhar um *caminho do meio* que cremos conduzir ao cerne do imaginário que (re)une a devoção ao Divino Feminino, bem como a identificação que as mulheres nutrem pela figura de Maria de Nazaré.

Pode Maria, retratada nas produções midiáticas, ser a inspiradora *mulher-heroica* que desafia e vence os paradigmas de seu tempo, sendo também a manifestação da Grande Mãe Primitiva, Rainha do Céu e da Terra, que olha por todas e todos e que também têm se comunicado através das telas do cinema?

Tendo como referência a perspectiva do simbólico, do imaginário e das construções das identidades culturais, a pesquisa incluirá a busca das pistas de que, na religiosidade popular – tal como expressa nas mídias e nos processos da comunicação popular – os dogmas e as ideologias não precisam ser totalmente excluídas de suas práticas, e tampouco estão no centro de sua fé. Esta é problemática que pretendemos desenvolver em nossa trajetória.

Assim, o objetivo da pesquisa é a investigação dos processos comunicacionais relacionados à construção imaginária das devoções marianas apresentadas no cinema e, assim, buscar estabelecer paralelos entre os elementos imagéticos de Nossa Senhora no sentido de encontrar uma integração entre as dimensões sagradas e profanas que influenciam as estruturas identitárias, teológicas e imaginárias da mulher.

4. Referencial teórico-metodológico

Para chegar ao nosso objetivo, pretendemos fazer uso da mesma base teórica usada em nossa dissertação de mestrado⁸; contudo, devido à problemática da religião, incluiremos os estudos sobre o assunto relacionados à mídia, além das teorias sobre a religiosidade popular que parecem bem adequadas no sentido de sedimentar a análise dos processos comunicacionais da religiosidade popular presentes na temática.

Nosso projeto pretende abraçar os estudos de gênero inseridos na mídia, sob a perspectiva dos estudos culturais de gênero – mais especificamente, sobre a construção de uma alternativa à identidade feminina dicotômica. Procuraremos ir além da representação da Mulher/Feminino⁹ idealizada pela religião institucionalizada – ou seja, “perfeita”, mas incorpórea, representação essa que subestima e sujeita a mulher/corpo-Natureza/matéria, através dos dogmas patriarcalistas. Tal é a chave para a análise empírica do corpus selecionado.

Autoras e autores como, Joan W. Scott, Kathryn Woodward, Manuel Castells, Stuart Hall e Raymond Williams nos servirão de inspiração e estrutura teórica para o desenvolvimento das análises dos estudos culturais de gênero e construção das identidades culturais híbridas na religiosidade popular. O filósofo francês Gilles Lipovetsky também fará parte de nosso campo teórico, especificamente, sua obra “A terceira mulher” (2000). Neste livro, o autor traz importantes reflexões sobre as transformações da mulher, a partir das perspectivas sócio-históricas, culturais e filosóficas.

No campo da Mariologia, julgamos importante que nossos estudos tenham um caminho tríplice em que possamos pesquisar as teorias ligadas à teologia “tradicional” – obras de autores como José Cristo Rey García Paredes, assim como as ideologias presentes na teologia da libertação e teologia feminista (Clodovis Boff, Lina Boff, Afonso Murad, Rosemary Radford Ruether, Ivone Gebara, Lucia Scherzberg, dentre outros). O objetivo é traçar um paralelo entre as visões apresentadas e suas relações com as construções identitárias e imaginárias da mulher e também reconhecer os teores teológicos e morais na construção da imagem de Nossa Senhora.

⁸ MACHADO, Patricia S. “A Mulher além do Bem e do Mal: Malévola e a representação cinematográfica do feminino integrado” (dissertação de mestrado). São Bernardo do Campo: UMEESP, 2016.

⁹ Relacionamos a questão com a identificação do Espírito Santo com a parte feminina da trindade.

Para discutir as representações de Maria *no campo da religião e mídia*, recorreremos aos estudos de Stewart Hoover, Jeremy Stolow e Magali do Nascimento Cunha. O aprofundamento nas pesquisas sobre o tema nos parece essencial, pois:

[...] o estudo de religião e mídia é um projeto que pretende revisar nossa própria compreensão da religião e de seu lugar na vida social humana, um tema que se estende para muito além do estudo localizado de comunidades, instituições ou atores específicos. É nesse sentido que eu acredito que os estudos de “religião e mídia” têm o potencial de trazer importantes contribuições filosóficas, bem como metodológicas, para as ciências humanas e sociais como um todo (STOLOW, 2014, p.155).

Ainda sobre as relações entre mídia e religião, Magali do Nascimento Cunha destaca que:

O “religioso” (aquilo que é relativo ou próprio da religião) é mediação presente nos diferentes processos comunicacionais midiáticos: no jornalismo, na literatura, na música, *no entretenimento* [grifo nosso], na publicidade. Este é um campo de pesquisa ainda em desenvolvimento, pois liberta-se do referencial funcionalista para pensar como a religião se manifesta nas abordagens não-religiosas, o que passa pela compreensão das significações imaginárias, das representações socioculturais tanto no processo de produção quanto no de recepção (CUNHA, 2016, p.7).

Quanto aos estudos sobre o cinema, pretendemos nos aprofundar no trabalho de Edgar Morin, especificamente em sua obra “O cinema ou o homem imaginário”. Em específico sobre cinema e gênero, daremos sequência às reflexões iniciadas em nossa dissertação de mestrado em torno do processo de superação do que Laura Mulvey (1975) chamou de o “olhar masculino”, um determinante na representação patriarcalista da mulher nas narrativas fílmicas.

Para a interpretação e reinterpretação dos símbolos e das representações arquetípicas e imagéticas das narrativas que compõem o tema do projeto, recorreremos aos trabalhos de C. G. Jung e Erich Neumann (psicologia arquetípica e religião); Mircea Eliade (história das religiões); Marija Gimbutas (antropologia feminista); Erwin Panofsky (iconologia) e, especialmente, os autores Gilbert Durand e Michel Maffesoli (estudos do imaginário e de suas tecnologias). Nossas escolhas se identificam com a aparente *resistência do imaginário* (DURAND, 1994) durante a história do Ocidente e a

*remagificação do mundo*¹⁰ na pós-modernidade devido à *saturação* (MAFFESOLI, 2011) dos modelos progressistas oriundos da modernidade.

Como referencial teórico-metodológico faremos uso da Hermenêutica de Profundidade (HP) (THOMPSON, 2011) direcionando sua utilização aos estudos da comunicação e às mídias. A HP é desenvolvida através do que Thompson (2011, p. 391) chama de enfoque tríplice de análise da comunicação de massa. Resumidamente, ela é feita através do estudo sobre a produção e transmissão/difusão das mensagens comunicativas por meio da análise sócio-histórica e interpretação da doxa - “opiniões, crenças e compreensões que são sustentadas e partilhadas pelas pessoas que constituem o mundo social” (THOMPSON, 2011, p.364); do estudo da construção das mensagens comunicativas através da análise discursiva ou formal e, finalmente, pelo estudo da recepção e apropriação das mensagens comunicativas que é também feita por intermédio da análise sócio-histórica e interpretação da doxa.

5. Conclusões alcançadas

O conteúdo apresentado neste artigo buscou apresentar uma síntese de nosso projeto de doutoramento e, apesar de nossa pesquisa estar em sua fase inicial, acreditamos que há uma direção bastante promissora pautada no caminho teórico-metodológico escolhido. Também acreditamos na pertinência da pesquisa, pois Maria é ainda a principal referência na construção imaginária/teológica do que é o Feminino e a Mulher no mundo ocidental. Assim, julgamos que nossa contribuição poderá agregar conteúdo às reflexões já existentes, especificamente, no que tange a conexão entre mídia e religião.

REFERÊNCIAS

CIPOLLINI, P.C. A devoção mariana no Brasil. **Teocomunicação**, v. 40, n. 1, 2010. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/7774/0>>. Acesso em 16 maio. 2017.

COYLE, Kathleen. **Maria: tão plena de Deus e tão nossa**. São Paulo: Paulus, 2012.

CUNHA, Magali do Nascimento. Elucidações contemporâneas nos estudos brasileiros em mídia e religião: a perspectiva das mediações culturais e comunicacionais. **Revista FAMECOS**

¹⁰ Segundo Michel Maffesoli, uma tradução mais adequada para o chamado “reencantamento do mundo” de Weber.

(Online). Porto Alegre, v. 23, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/download/22280/14177>>. Acesso em: 30 maio.2017.

MULVEY, Laura. Prazer visual e cinema narrativo. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (org.). **Gênero, cultura visual e performance: antologia crítica**. V.N. Famalicão: Edições Húmus, 2011.

RUETHER, Rosemary Radford. **Sexismo e religião: rumo a uma teologia feminista**. São Leopoldo: Editora SINODAL, 1993.

SCHERZBERG, Lucia. **Pecado e graça na teologia feminista**. Petrópolis: Vozes, 1996.

STOLOW, Jeremy. Religião e Mídia: notas sobre pesquisas e direções futuras para um estudo interdisciplinar. In: **Religião e sociedade**. [online]. 2014, vol.34, n.2, p.146-160. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rs/v34n2/0100-8587-rs-34-02-0146.pdf>>. Acesso em 27 maio.2017.

THOMPSON, John. **Ideologia e Cultura Moderna**. São Paulo: Editora Vozes, 2011.

Filmes Citados

JACINTA - Direção: Jorge Paixão da Costa. Portugal: Coral Europa, 2017. 84min, cor.

FÁTIMA - Direção: João Canijo. Portugal-França: Les Films de l'Après-Midi, Mídas Filmes, 2017. 153min, cor.

MARIAS: A Fé no Feminino - Direção: Joana Mariani. Brasil: ASAS, 2015. 75min, cor.